

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
20 e 24 de Março de 2025

LA FOLIE ALMAYER / 1972

Um filme de Vittorio Cottafavi

Realização: Vittorio Cottafavi / Argumento: Louis Guilloux e Jean-Daniel de la Rochefoucauld, baseado no romance homónimo de Joseph Conrad / Cenários: Jacques d'Ovidio / Música: François de Roubaix / Interpretação: Giorgio Albertazzi (Almayer), Rosemary Dexter (Nina), Paul Barge (Maroulla), Gianni Rizzo (Lakamba), Andrea Aureli (Babalatchi), Abder Berkani (Ali), Laurence Bourdil (sra. Almayer), Raymond Loyer (capitão Ford), Van Doude (comandante holandês), Hans Meyer (capitão Linguard), etc.

Produção: Televisões de França, Itália e Alemanha Federal / Cópia digital (DCP), colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 92 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

La Folie Almayer insere-se na mesma série de produções televisivas franco-italo-germânicas que também deu origem à incursão conradiana de Georges Franju, **La Ligne d'Ombre**. Como notámos na folha desse filme, há um nome em comum no genérico de ambos os títulos, o argumentista Louis Guilloux (de resto, um nome bem mais conhecido pela sua obra literária em nome próprio).

E é um filme que pertence ao período (quase) final de Vittorio Cottafavi. Cottafavi, ainda antes de Roberto Rossellini, interessara-se pelo trabalho na televisão, meio em que colaborava com regularidade a partir do final dos anos 50, quase sempre adaptando obras literárias ou peças do cânone da dramaturgia clássica. Isto enquanto, paralelamente, continuava a erguer no cinema uma obra ímpar, incluindo a utilização de certos géneros que ele quase “fundou” ou, pelo menos, “re-fundou” – como o *peplum* – para chegar a uma das derradeiras idealizações de um cinema popular sofisticado que se fizesse herdeiro, justamente, dessas tradições dramáticas clássicas (pense-se em filmes como **Messalina** ou **Le Legioni di Cleopatra**, expressões, porventura insuperáveis, dessa via). A tal ponto se interessava por este trabalho televisivo que, em 1964, depois do fracasso crítico e comercial de um filme em que muito apostara (**I Cento Cavalieri**, outro candidato a obra-prima de Cottafavi), enfadado e frustrado com o cinema, se refugiou na televisão. Durante década e meia (o restante dos anos 1960, todos os anos 1970), o seu trabalho foi exclusivamente feito neste meio, um pouco de tudo – telefilmes, teleteatro, séries de televisão, óperas e operetas, com uma gama de temas e inspirações que inclui também um pouco de tudo, Dostoievski, Chesterton, a ficção científica, e um longo etc... Só nos anos 1980, e por isso acima falámos de um “período (quase) final”, voltou ao cinema, para duas últimas longas-metragens que terão servido para confirmar que já não havia verdadeiramente um lugar para o seu cinema. De 1985 até ao ano da sua morte, 1998, o silêncio de Cottafavi foi absoluto.

Este é também um período pouco estudado, mesmo pelos mais acérrimos cottafavianos, em grande parte pelas dificuldades de acesso (muita desta produção televisiva continua a estar “escondida”, é difícil encontrar-lhe o rasto). Impossível perceber até que ponto esta entrada no mundo conradiano se revestia de algum interesse pessoal para Cottafavi, ou se era apenas mais um trabalho, e se Cottafavi tomava Conrad pelo conradianismo ou apenas como tela para desenvolver as suas preocupações. Quando pensamos que Cottafavi (esses filmes que citámos e ainda outros) foi um grande cineasta do poder, dos meandros do poder – de resto, outro sinal de uma herança dramatúrgica clássica, da antiguidade a Shakespeare – somos tentados a aventar a hipótese de ter sido mais o segundo caso. Há matéria “íntima” nesta **Folie Almayer**, evidentemente, e uma intimidade que não é apenas a “psicologia” nem o mergulho do protagonista numa loucura obsessiva que o corrói por dentro; há, bem entendido, um mínimo de relacionamento com a estranheza “tropical” dos ambientes e das paisagens, e com toda a sombra, mais ou menos fantástica, que o olhar de um europeu sobre ela lança. Mas, por alguma razão, temos a sensação de que o filme nunca se *concentra* mais do que nas cenas “políticas”, nos momentos das reuniões e convénios entre Almayer e os vários representantes dos poderes políticos, diplomáticos e comerciais – e que, nesse sentido, o interesse de Cottafavi eventualmente se sobrepõe ao de Conrad.

Por outro lado, se não faremos como um certo fã de Cottafavi que recusa liminarmente alguma espécie de comentário a este filme por “respeito para com Cottafavi”, é também evidente que o filme está limitado por debilidades de produção que são insuperáveis, ou que nem a *concentração* de Cottafavi conseguiu superar – nomeadamente, e como já acontecia no Franju, a penúria do elenco, actores poucos expressivos (como sofre Almayer nos traços de um actor tão “neutro” como Giorgio Albertazzi), “chatos” com e sem jogo de palavras, impermeáveis a modulações e reverberações. Não admira que Cottafavi tenha que terminar o filme numa espécie de explicitação quase expressionista (os berros de Almayer), porque a subtileza e a discrição precisam de actores subtis e discretos. Curiosamente, também nisso acaba por ser um caminho radicalmente ao oposto ao seguido por Chantal Akerman na sua adaptação da **Folie Almayer** (que veremos ou reveremos em Abril). Manter este filme no espírito e, quando chegar a altura, cotejar as duas abordagens, é a última proposta que aqui deixamos.

Luís Miguel Oliveira